

## OS FIOS E AS CORES NA REDE DE CONHECIMENTOS DO PPGE: 31 ANOS DE CRIAÇÃO, 30 DE FUNCIONAMENTO

Rosa Mendonça de Brito<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O texto corresponde a palestra de abertura do XVI Seminário de Pesquisa em Educação – SEINPE realizado em março de 2017. De modo sistemático, conceitual e histórico são apresentados os fios e cores que marcaram o desenvolvimento da pesquisa em educação ao longo de trinta anos de história do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. A metodologia adotada se ancora no registro e histórias de vida obtidos a partir de uma densa e comprometida participação da autora no desenrolar da institucionalidade do referido Programa. Ao longo do texto estão descritos marcas e desafios encontrados na busca de rigor, qualidade e compromisso com a formação dos educadores no cenário amazônico, que em dezembro de 2016 registrava mais de 400 mestres e quase 20 doutores. Assim, o texto é instrumento de memória, reconhecimento e inspiração para todos os que colaboraram e participam do PPGE nos trinta anos que o XVI SEINPE comemora.

**Palavras – Chave:** Educação; Amazônia; memória

### **THE THREADS AND THE COLORS IN THE PPGE KNOWLEDGE NETWORK: 31 YEARS OF CREATION, 30 OF OPERATION**

### **Abstract:**

The text corresponds to the opening speech of the XVI Seminar on Research in Education - SEINPE held in March 2017. In a systematic, conceptual and historical way, the threads and colors that marked the development of research in education over thirty years of history of the Postgraduate Program in Education - PPGE. The adopted methodology is anchored in the registry and life histories obtained, from a dense and committed, participation of the author in the development of the institutionality of the referred program. Throughout the text are described marks and challenges found in the pursuit of rigor, quality and commitment to the training of educators in the Amazon scenario, which in December 2016 registered more than 400 masters and almost 20 doctors. Thus, the text is an instrument of memory, recognition and inspiration for all those who collaborated and participated in the PPGE in the thirty years that the XVI SEINPE celebrates.

---

<sup>1</sup> Decana do PPG/FACED/UFAM. Professora Associada IV da FACED/UFAM. Pós-Doutora em Filosofia da Educação – UFRJ. Doutora em Filosofia pela Universidade Gama Filho – RJ. Presidente da Academia Amazonense de Letras (2016/2017). Membro do IGHA. Foi Diretora da FACED e Coordenadora do PPGE.

**Keywords:** Education; Amazônia; memory

Caríssima Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, professora doutora Arminda Mourão

Caríssima Vice-Coordenadora, professora doutora Pérsida Miki

Organizadoras e Organizadores do SEINPE

Colegas professores,

Mestrandos e Doutorandos,

Senhoras e senhores,

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer pelo convite da Comissão organizadora deste seminário, para que eu fizesse a sua abertura em 2017, ano em que o Programa completa 30 anos de efetivo funcionamento e 31 de criação. Obrigada a todas e a todos que trabalharam com afinco para que o evento se realizasse, com certeza, com pleno êxito.

Ao receber o convite, fiquei pensando o que deveria dizer para a distinta plateia. Cheguei à conclusão de que deveria fazer um breve relato da trajetória dos cursos mantidos pelo Programa, visto que muitos que deles hoje fazem parte não a vivenciaram em sua totalidade.

Para assim proceder, começo por dizer algumas palavras sobre a história da Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil, na qual o nosso PPGE se insere e da qual participei, desde 1976, quando daqui saí para realizar o curso de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC), uma das duas instituições que desenvolviam formação em nível de mestrado no país naquela época (a outra era a PUC de São Paulo). Para ali me dirigi com “a cara e a coragem”, sentindo-me uma formiguinha no meio de elefantes, melhor ainda, quase apavorada diante de um mundo inteiramente estranho.

Ali chegando, constatei que eu era, realmente, uma formiga diante de tantos elefantes, de tantos novos conhecimentos trazidos pelos professores, por

muitos dos alunos e o enorme acervo bibliográfico a ser consultado. Tive muito receio, melhor dizendo, fiquei com muito medo de não conseguir realizar o meu propósito. Mas a formiga decidiu encarar a realidade e procurar o alimento necessário à sua sobrevivência. Estudava 18 horas por dia a fim de promover uma metamorfose a filhote de elefante e acompanhar a manada para não ser arrastada ou pisoteada por ela.

Não esqueçamos que, naqueles tempos, idos de 1973, a caminhada da pós-graduação *stricto sensu* tinha sido a pouco iniciada. Por conta disso, muito difícil e repleta, não apenas de obstáculos, mas, também, de espinhos. Foram muitos que daqui e de outras partes do país que tentaram superar os obstáculos e não conseguiram. Muitos colegas voltaram aos seus Estados sem o título almejado.

Acho que todos sabem que o marco da Pós-Graduação no país, encontra-se na década 1970, com a criação dos Mestrados no Sudeste (Rio e São Paulo) e sua ampliação com a criação dos Cursos de Doutorado nos anos de 1980. Antes dos períodos referidos, as pessoas que desejavam realizar estudos em nível de Pós-Graduação precisavam sair do país e ir para a Europa ou para os Estados Unidos. Praticamente igual ao que ocorreu com aqueles que queriam adentrar aos cursos superiores antes dos 1800.

No Amazonas, antecipamo-nos quanto a criação de Universidade. A Escola Universitária Livre de Manáos, criada em 1909, foi a primeira a ser estruturada e funcionar no Brasil. Mas somos sabedores, também, que, desde 1808 (chegada da Família Real), já existiam algumas Faculdades no país: Bahia, Rio, Recife, São Paulo, e aqueles que nasciam aqui e que almejavam realizar um curso superior necessitavam ir, ou para o Sudeste ou Nordeste, ou, ainda, para a Europa, especialmente para Coimbra.

O Curso de Mestrado em Educação, hoje Programa de Pós-Graduação do qual fazemos parte, nasceu em parceria com o Instituto de Ciências

Humanas e Letras – ICHL, em 1986, no bojo do Projeto Norte de Pós-Graduação I. Surgiu uma década e meia após a criação dos primeiros cursos de mestrado em outros recantos do país, mas foi o primeiro e também o único credenciado pela CAPES na Região Norte até 2001.

Para demonstrar a caminhada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) nesses 30 anos de atuação, vamos comparar, simbolicamente, à textura e à manutenção de uma rede que, diferentemente de uma teia que é tecida com fios incolores e junções contínuas, é tecida com fios de sustentação longitudinais contínuos e fios constituintes transversais. Em ambos os casos, predominantemente multicores.

Tanto no início quanto na continuidade da tessitura da rede, foi necessário juntar vários fios e entrelaçá-los. Fazer e desfazer nós, ou seja, construir e desconstruir caminhos e currículos. O fio inicial, que deu origem à construção do curso de Mestrado, foi apresentado à comunidade acadêmica, em 1985, pelo professor Jorge Karan Neto, então Diretor da FACED. A ele foram agregados, a partir de então, três outros fios com texturas e coloridos distintos trazidos pela professora Mirian Trindade Guerret, professores Luiz Francelino Pereira (falecido), Raimundo Martins Ferreira e Paulo Renan Gomes da Silva (ICHL), organizadores da primeira proposta do curso. Em seguida, e ainda em 1996, juntaram-se a eles os fios trazidos por mim, Rosa Brito e João Renor.

Com os conhecimentos e experiências diversas trazidas pelos professores, os primeiros fios foram estendidos para possibilitar o início, em 1985, do trabalho da tessitura da rede através das discussões que levaram à elaboração da proposta de criação do curso de Mestrado em Educação, como já foi dito, o primeiro da UFAM e da Região Norte do país. Concluída em 1986, a proposta foi aprovada nas instâncias competentes da Universidade do Amazonas, hoje UFAM e, em seguida, apresentada e aprovada pelo Conselho

de Sub-Reitores para assuntos de Pós-Graduação, em reunião realizada em Belém do Pará, nos dias 8 e 9 de maio de 1986.

Com a aprovação da proposta fazia-se necessário estruturar o Projeto definitivo para ser submetido às instâncias superiores da UA e ao GT/CAPES/MEC, o que foi feito ainda em 1986. Com a aprovação do Projeto nas instâncias da Universidade e o envio desse para a CAPES, o Curso realizou, em 1987, a primeira seleção e, nesse mesmo ano, teve início o seu funcionamento com uma turma composta de 12 alunos (as) aprovados(as) em processo de seleção.

Mas para que o curso tivesse o êxito desejado era preciso que novos fios fossem agregados aos já existentes. Para isso, a Coordenação foi em busca e conseguiu os fios colaborativos e multicores de: Erlete Malveira, Françoise Grenand, Garcilenil do Lago e Silva (falecida), Pierre Grenand, José Enos Rodrigues, Valdete da Luz Carneiro, Jamil Cury, isto até 1990.

No Parecer da CAPES/MEC sobre o curso, foi ressaltada a sua importância e disse-se que ele abriria “oportunidades mais viáveis de estudos desse nível para docentes e pesquisadores, hoje forçados a se deslocarem para centros distantes de sua região de trabalho”, porque expressava “uma vontade de dar ao curso uma vocação regional”, ou seja, porque voltado para estudos das problemáticas da Região Amazônica. Apesar disso, não indicou o seu reconhecimento e credenciamento. Em vez disso, sugere a reformulação da sua estrutura curricular. A nova proposta de currículo enviada à CAPES em 1989, também não possibilitou o reconhecimento ou o credenciamento, ao contrário, voltou a indicar problemas e dizer que o seu funcionamento era problemático.

Entre os muitos alunos que fizeram parte da primeira, segunda, terceira e quarta turmas do Mestrado, estavam as professoras: Arminda Mourão, Francinete Massulo, Irecê Barbosa, Jucelem Belchior Ramos, Maria das Graças Sá Peixoto, Maria Matilde Hosanah, Tereza Trindade, Alice Regis, Antonia

Silva Lima, Joelise Mascarello, Márcia Perales, Rosa Helena, Maria Almerinda, Maria de Nazaré Corrêa, e os professores: Rosenir Lira, Jorge Gregório e Rubens Castro, entre outros.

A partir de 1992 foram integrados ao Programa como colaboradores, com vistas a reforçar o seu corpo docente, os professores Bruce Osborne, Odenildo Sena, Luiz Irapuan Pinheiro, Admilton Salazar, João Pinheiro Salazar (falecido), Neide Gondim, Rosana Parente, Maria do Socorro Santiago, Solange Gallo, Marilene Corrêa, Evandro Cantanhede, Thomé Eliziário.

O Programa continuou a tecer a sua rede agregando e substituindo fios, tantos longitudinais quanto transversais, fazendo e desfazendo nós a fim de conseguir o reconhecimento e o credenciamento. Após várias negativas e o resultado da aviação do biênio 92/93, foi sugerida a visita de um avaliador da CAPES para auxiliar na solução dos problemas. Com as orientações advindas da visita do Dr. Osmar Fávero em 1994, a Coordenação enviou à CAPES uma exposição de motivos, resultante do trabalho da professora Rosa Brito e do Professor Admilton Salazar, que possibilitou o reconhecimento e o credenciamento do curso com o conceito C+, em 1995. Naquele momento, os diplomas dos Mestres puderam ser expedidos, e uma grande e bela solenidade acadêmica foi organizada e realizada para comemorar o feito.

Contudo, o reconhecimento e o credenciamento não teriam o condão de eliminar todas as dificuldades. Na avaliação do biênio 94/95 e no Relatório da nova visita do Dr. Osmar Fávero, foram apontados vários problemas considerados graves, entre os quais o número reduzido de professores do quadro, decorrente de aposentadorias e da criação do Mestrado em Letras no ICHL, visto que, naquele momento, apenas três (3) professores permanentes e três visitantes integravam o corpo docente do curso; fluxo de alunos muito baixo; publicações dos professores sem vínculo com a área. A situação foi agravada com a criação do curso de Doutorado, em 1995.

Apesar da estrutura da rede não estar consolidada, ao contrário, apresentar bastantes falhas, em 1995, mesmo com a discordância de alguns professores, a Coordenadora, professora Mirian Garret, apresentou e foi aprovado através das Resoluções nº. 003/95/CONSEPE e 017/95/CONSUNI, um Projeto que transformava o curso de Pós-Graduação em Educação em nível de Mestrado, em Programa de Pós-Graduação em Educação, em dois níveis: Mestrado e Doutorado. Apesar da aprovação nas instâncias superiores da Universidade, o Projeto não foi submetido à CAPES para reconhecimento e, se o tivessem feito, não teria sido aprovado.

Apesar disso, a seleção de candidatos ao doutorado foi realizada e o curso iniciado em 1996 com os sete alunos aprovados: Heloisa Lara, Ierecê Barbosa, Jorge Gregório, Jucelem Guimarães, Leda Brasil, Marlene Guedes e Vitângelo Plantamura. Os doutorandos concluíram os créditos com excelência, mas não seria possível a continuidade do curso em virtude da não aprovação junto à CAPES. Para solucionar o problema e possibilitar que os doutorandos terminassem seus estudos foi realizado, após muitas idas e vindas, um intercâmbio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde quatro deles concluíram o doutorado. Uma outra concluiu no INPA, outra na USP/SP e outra preferiu adiar os estudos. O curso foi suspenso em 1998, ano de crise profunda no Programa a partir da obtenção da nota 01 (um) junto à CAPES.

De 1992 a 2001, decorrente especialmente da chegada de novos doutores, passaram a formar o corpo docente, reforçando os fios longitudinais: Walmir Albuquerque, Lucíola Inês, Lourival Holanda, Ernesto Renan, Isis Martins, Raul Ortiz, Carlos Rojas, Rosa Helena, Alair dos Anjos, Aristonildo Nascimento (falecido), Valéria Weigel, Ana Alcídia, Aldenice Bezerra, Jorge Gregório (falecido), Maria das Graças Sá Peixoto, Nídia Sá, e alguns outros a partir de 2001, cujos nomes não consegui levantar neste momento.

É preciso ressaltar que o Programa, considerado em 1998, “no limite de sua sobrevivência”, conforme avaliação da CAPES ao atribuir-lhe nota 01 (um), alcançou em 2000 a nota 3 (três), num lapso de apenas dois anos e quatro meses (agosto de 98 a dezembro de 2000), deu-se em função do entrelaçamento dos fios de forma consistente e segura de todo o Colegiado do curso, dos discentes, da Direção da Faculdade e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, de cujo trabalho resultou o recredenciamento e a própria sobrevivência do Mestrado em Educação.

A partir de 2010, a rede seria ampliada para dar suporte ao curso de Doutorado elaborado com base nas discussões no Colegiado, sob a Coordenação de Rosa Helena, Lucíola Inês, Silvério Bahia Horta, Arminda Mourão, Ana Alcídia entre outros. O curso foi aprovado nas instâncias competentes da UFAM e encaminhado à CAPES. Ao receber autorização para o seu funcionamento, realizou, ainda em 2010, seleção para a composição da primeira turma. Naquele momento, mais que nunca se fazia necessária a agregação de novos fios à rede, além de que novos nós fossem dados.

Hoje, aos 31 anos de existência, os fios longitudinais e contínuos de sustentação da rede que têm e sempre teve como extremos o PPGE/UFAM e a CAPES/MEC, saem das mãos operosas de Arminda Mourão, Aldenice Bezerra, Claudio Gomes, Elizandra Garcia, Evandro Ghedin, Fabiane Maia, Hellen Cristina, Heloisa Borges, Iolete Ribeiro, João Luiz da Costa, João Otacílio dos Santos, Luís Carlos Cerquinho, Lúcio Fernandes, Lucíola Inês Maria Almerinda, Maria das Graças Sá Peixoto, Socorro Duarte, Michele Bissoli, Nádia Maciel, Pérsida Miki, Rosa Brito, Selma Baçal, Suely Aparecida, Valéria Weigel, Wania Fernandes, Zeina Thomé. Os fios transversais, também multicores, foram e são ofertados pelos mestrandos e doutorandos que participaram do Programa.

É necessário não esquecer que o PPGE continua a ser o único Programa que contribui com a titulação em nível de Mestrado e Doutorado em Educação no Estado do Amazonas. Ao longo dos 31 anos de existência, apesar de todos os percalços, concedeu 418 títulos de mestre e 17 de doutor. Na continuidade de sua trajetória, tem hoje um corpo discente formado por 61 doutorandos e 46 mestrandos. Isso não é pouco. Isso precisa ser considerado e divulgado!

Ao concluir minha fala, quero conclamar a todas e a todos os envolvidos com o desenvolvimento e manutenção do Programa, para que contribuam mais efetivamente com fios cada vez mais fortes e coloridos para que a tessitura da rede do PPGE seja cada vez mais firme e importante para atender a nossa sociedade e fortalecer intelectualmente a FACED, a UFAM, o Amazonas.

É muito desgastante para os componentes da Coordenação, mas especialmente para as Coordenadoras e Vice-Coordenadoras, fazê-lo funcionar obedecendo aos ditames da CAPES. Quantas vezes a professora Arminda, antes delas, a Graça e outras tantas colegas, passaram noites e finais de semanas preenchendo o Sucupira, data CAPES; e respondendo a tantas outras exigências. Constantemente nos pedem para cumprirmos os prazos, produzirmos, enfim, para nos integramos e participarmos dos afazeres do Programa.

Não podemos esquecer que o bom funcionamento do Programa não depende apenas da Coordenação, mas de todos nós docentes e discentes que dele fazemos parte. Sem a participação efetiva de todos não é possível entrelaçar corretamente os fios para dar sustentação à rede. Ela só poderá apresentar boa tessitura, belas cores e nós seguros se os fios de sustentação e os fios transversais estiverem bem entrelaçados.

Com certeza é o que todos nós desejamos!  
Parabéns aos Organizadores do Seminário.  
Tenhamos todos um excelente SEINPE!  
Obrigada por me ouvirem!